

# ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 32 do 4.º Ano—N.º 182

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 21 de Maio de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

## DEPOIS DO CONGRESSO

Revedo-nos naquella fé prosélita e ardorosa que antes do advento do actual regimen nos levava a tomar parte nos congressos anuais do grande, do nacional, do patriótico partido politico que fêz a República, alguma coisa de diferente reparamos que se passa dentro em nós, — agora que a esses mesmos congressos continuamos a ir, com igual espirito combativo, e, sem dúvida, com a mesma confiança no futuro.

E essa emoção nova, esse modo de sentir de hoje, diferentemente do de ontem, não a fômos nós buscar ao congresso realizado há dias na Figueira da Foz. Desde a hora do triunfo, digamos, que essa impressão se fêz no nosso espirito; e, se porventura lhe quizessemos explicar o porquê da sua origem, bem por certo que outro argumento não encontravamos além daquele que deriva d'este facto dum determinismo lógico insuperável: — *lo que ontem era para nós um ideal anciano e resplendente, é hoje um ideal meio concebido e meio realizado!*

Isto quer dizer que, por mais positividade que hajamos dado a um pensamento de renovação e de resgate nacional, êle jamais se aproximará da visão uma vez antevista e sonhada — razão sufficiente para que afirmemos serem os congressos de ontem diversos dos de hoje, embora os continuem inspirando o mesmo ideal generoso e patriótico...

Entretanto, afirmemo-lo: um grande significado politico e uma grande força de coordenação disciplinar se aproveita sempre dessas reuniões, que são, por assim dizer, a assemblea magna dum Partido. Ali vão buscar

os espiritos dirigentes a coragem, o civismo, e, porventura, o exemplo e a inspiração para os combates da acção governativa; ali vão igualmente temperar o ânimo e beber os haustos reconfortantes da solidariedade, todos quantos, soldados no mesmo batalhão, sabem que o valor das Democracias está na razão directa do interesse que os cidadãos tomam no gerir das coisas públicas.

Belo espectáculo foi esse, sem dúvida, de ver reunidos, durante três dias, perto de 1.500 delegados, representando outros tantos núcleos de actividade e de homogeneidade politica, vindos de todos os pontos do país. Este espectáculo de empolgação e de vitalidade civica, quando mais não representasse, serviria ao menos para demonstrar a existência dum enorme aglomerado partidário, constituindo por isso uma glória não só para o Partido que o promoveu, como uma esperança para a República que o inspirou. Mas houve mais: pela natureza dos assuntos e pelo elevado vigor da discussão, comprovou-se dum modo evidente e inconfundível que não só o nosso Partido conta com uma pleiada de novos que honram, pela sua cebração e actividade, a nobre figura do dr. Afonso Costa, como também se deixou mais uma vez patenteado quanto o povo republicano sabe defender as suas mais altas prerogativas de cidadão livre, dono e fiscal da sua vontade que a nenhum poder pessoal e arbitrário se submete.

Os organismos locais, filiados no Partido Republicano Português, fizeram-se directamente representar.

### No Congresso

São estas as conclusões da tese «Divisão Administrativa», de que foi relator o nosso illustre conterrâneo dr. Eduardo de Almeida:

1.ª, A divisão administrativa, obedecendo ao critério regionalista, será feita por provincias e municípios parquiais; 2.ª, suprimidas as juntas gerais, haverá em cada provincia um corpo deliberativo ou assemblea provincial; 3.ª, a formação de novos municípios ou alteração dos existentes não poderá ser presente ao poder legislativo nem executivo sem a aprovação da assemblea provincial; 4.ª, este sistema implica a supressão das duas autoridades administrativas, governador civil e administrador do concelho; 5.ª, as funções legislativas, regulamentares e executivas destes corpos administrativos podem, conforme a sua natureza, ficar dependentes de «referendum» popular ou aprovação do poder legislativo, reduzido a uma só câmara dos deputados.

## ECOS

### O Grande

O «Echos...» dedica o seu número último ao director do jornal monarchico «O Dia», e chama-lhe — «um grande português». «Por que não lhe chamam antes um grande jornalista... a afundar-se?»

E' assim como o considera certo notavel publicista, transcrevendo numa das suas obras um trecho do «Dia», sobre a irreligiosidade das procissões católicas, — isto naquella epoca em que o sr. Moreira de Almeida e o seu jornal tinham, dentro da monarchia, uma feição anti-clerical.

Com a República mudou. E porquê? Talvez por o haverem passado à categoria de ex-consul de Banana — como por aí dizem as más linguas.

### Distinguindo

Há profissões antipáticas, e, uma delas, é a dos carcereiros, pelo que se lê no jornal do sr. dr. Rocha dos Santos:

«... a sanha vil dos abjectos carcereiros.»

Nós discordamos. O carcereiro é, muitas vezes, o único amigo dentro da cadeia. Para o comprovar já tinhamos o carcereiro ideal descrito por Gorki, se não bastasse a própria opinião de muitos presos políticos, — e um deles cremos que o próprio sr. Moreira de Almeida.

Mas temos mais: o indítóso Lâmpada, por exemplo, recebeu mais provas de compaixão e de bondade do carcereiro da cadeia, ali da Misericórdia, que por parte da maioria de quantos, depois da sua morte, snobicamente foram ofertar-lhe uma missa...

### Um aleijão

Mostraram-nos um número do «A Viçela», novo semanário que se publica na povoação visinha. Com natural curiosidade, lêmo-lo. Ficamos edificadas. Aquilo não é coisa admissível senão... em época carnavalesca!

A terra de Viçela tinha direito a ser representada no quadro da imprensa, por modo mais sério. Não queremos tocar-lhe (pelo menos hoje não vencemos o enjoo), discutindo o que semelhante pastolão traz impresso. Basta dizer que, se a primeira impressão que sentimos foi de riso, a segunda foi de tristeza.

Que porcaria... e que escândalo!

### Recordando

Isto é que é sacrificar a verdade ao elogio:

«Quando a familia real abandonada dos que a rodeavam e haviam jurado defende-la, embarcava na Ericeira... (etc, etc) ele ficava fitando altivamente o ponto de partida por onde, tempos volvidos, devia assistir ao seu solene regresso.»

Ele, o que ficára fitando altivamente o ponto de partida, assim à moda do velho de Restelo, era o sr. Moreira de Almeida, segundo o colega dominical.

Foi decerto porisso que o mesmo sr. Moreira de Almeida, após a revolução se refugiou, conforme pôde, entregando a defeza do seu baluarte, «O Dia», a outro director...

— Quanto a assistir ao solene regresso dos Braganças, para sempre extintos de Portugal, já os sebastianistas diziam o mesmo... ainda um século depois.

### Êle aí está!

Tirada do «Echos...» em rendimento de homenagem ao mesmo sr. Moreira de Almeida:

«... ele aí está ensinando nos como se é português, como se ama a pátria, como se defende um ideal querido.»

Ele aí está, não há duvida (tão português e tão patriota que até pela voz do seu alcorão, «O Dia», êle tem feito inspirar esta doutrina: — «Antes Afonso XIII que Afonso Costa!»)

— Tal é o «ideal querido» que os devora.

### A exposição do Asilo

Por havermos estado ausente desta cidade, ainda não nos foi possível, como é nosso desejo, visitar a exposição das internadas orfãs do Asilo de Santa Estefânia. No próximo domingo o faremos, — com tanto interesse, quanto é aquele que a actual comissão administradora revela promovendo essa exposição de trabalhos.

### Apoiado!

Alguma vez o colega «Echos...» devia ser sincero. Desta feita não só lh'o reconhecemos, como até lhe apreciamos a attitude, transcrevendo a passagem por onde essa virtude se infere.

Ei-la: Refere-se à história que, diz, tem de fazer-se, dentro deste periodo de transição politica:

«No capítulo Imprensa ella (a História) terá de descrever, a par de muita inépcia e de muita cobardia, de muita traição e de muita subserviência, caracteres activos e nobres...» etc.

Tal e qual! Até parece que isto não é escrito pelo sr. dr. João Rocha dos Santos, director que foi do «Correio de Guimarães», semanário progressista que suspendeu a sua publicação pelo 1.º número, em 5 de Outubro de 1910, — para não embarçar os passos à revolução republicana, nem ferir as convicções alheias!!!

... A par de muita inépcia e de muita cobardia, hein?

### A torpe especulação

E' ultra pulhostre e reles a especulação que se faz com o indulto concedido pelo rei de Inglaterra a Oliveira Coelho e oficialmente participado, pelas vias competentes, ao governo do nosso país.

Querem esses miseráveis fazer supôr que de quantas rogativas este povo promoveu, nenhuma teve o peso e a efficácia da que foi dirigida pelo seu rei no exílio? Como são inferiores!

«Pois não veem êles que do desaire que do caso proviesse, não era a República a amesquinhada, mas a própria nação?...»

— Onde se prova que o seu ódio não os deixa observar a figura que fazem.

Mas veja-se o teor da comunicação official:

«Sr. ministro—Em vista do grande interesse tomado pelo governo e pelo povo português na sorte do cidadão português Oliveira Coelho, recentemente condemnado à morte em Liverpool, pelo assassinato de sua mulher, a bordo do paquete inglês «Deseado», é com grande prazer que tenho a honra de informar a v. ex.ª, que recebi uma comunicação do principal secretário de Estado dos negócios estrangeiros de sua magestade, referindo que a sentença de morte, proferida contra Coelho foi comutada na de servidão penal perpétua. Aproveito etc.—(a) «Lancelot D. Carnegie,

— Pobres patetas! As vozes dum Povo valem, para êles, menos que a do seu rei!

### Audácia

Os republicanos são «os esfacedores deste velho Portugal», diz ali o colega «Echos...» que é, como estão vendo, um manancial de proféticas verdades.

Em resumo quer êle dizer: que isto de governação pública, se a pretenderem boa, honesta, modelar, inteligente... e por aqui fora, está visto que só gente experimentada, como os monarchicos — na arte de se governarem.

Ainda um dia se escreverá que quem fez os adeantamentos, não foi o rei nem os seus governos: foram—jôra, quem havia de ser senão os republicanos?!

Estes pagarão as favas, já que não meteram os delapidadores do tesouro público na cadeia.



Porque esperam?

Há dias o deputado sr. dr. João de Menezes, a propósito da atrevida afirmação de certos gazetários monárquicos que a República atribuem o mal que eles, só eles, os daqui num regabose pegado causaram ao país, disse que era um dever de honra para os republicanos, tornarem publicas as provas, que são inúmeras e incontestáveis, dos roubos feitos aos cofres do Estado pelos mesmos monárquicos, apresentando nesse sentido uma proposta.

E' necessário que essa proposta tenha rápido andamento pois urge, já que a matilha ladra, quebrar-lhe os dentes insaciados.

Lição dos tempos

HÁ 60 ANOS COMO HOJE

Do semanário extinto «Tesoura de Guimarães»:

Uma lei regulamentar ou carta constitucional, serve de base à governação deste povo brioso por seus feitos, grandioso e respeitável por suas crônicas.

Há muitos anos que por ela somos governados—e que se tem passado?

Que se tem colhido deste sistema, aliás tam apreciável e tam belo, quando bem executado?

Responda por nós o público desapaixionado!

Revoluções umas apoz outras; eleições de deputados feitas a ferro, a fogo e a sangue; os ministros da coroa succedem-se mutuamente; e que tem os nós visto? Que temos nos aproveitado?

A dívida pública cada vez mais crescente;—o povo vexadíssimo com impostos e contribuições—cada vez se estudam mais os modos de aumentar os impostos;—a viação pública em partes feita com luxo, e em outras tudo em estado deplorável.

Os bens dados para sustentação dos frades, que podiam ter uma applicação de utilidade pública, veem-se na mão de agiotas que os houveram por um preço infinitamente pequeno.

A miséria pública cada vez abre mais o seu quadro doloroso e melancólico.

Guimarães está presencendo há bem anos o pungente espectáculo de ver fechadas as portas de quatro conventos, que davam de comer a 200 indigentes, e trabalho a outros tantos operários, sem que veja compensados estes actos de beneficência.

E porque tem sucedido tudo isto?

E o jornalista de há 60 anos, arrematava o seu furibundo e larmuriento artigo por clamar que todos os males se deviam às leis liberais que a monarchia constitucional outorgara ao país, concluindo por verter uma lágrima de saudade pelo senhor D. Miguel—o da força e do cacete.

Tal e qual como os inimigos irreconciliáveis da República, sessenta annos decorridos. Esses que hoje escrevem, pedindo a volta do passado, como coisa ótima para remediar os males do presente, são, como vemos, dignos herdeiros dos inimigos do progresso,—que, não obstante as lições do tempo, são sempre os mesmos, atravancando-se sempre diante dos que querem marchar, dos que querem seguir para horisontes mais vastos e mais redentores.

Miseras e mesquinhas criaturas, as que por aí pregam! Nem sequer são originaes!

Se lhe fizessem a vontade... nem no absolutismo paravam!

Dito feliz

Erasmus, em 789, sendo censurado pela sua irregularidade quarismal, respondeu: — «Saibam que a minha alma é católica, mas que o meu estômago é protestante».

—No fundo, era bem mais lógico que quantos compram a bula.

A POLITICA E A POLITIQUICE

Abrem-se os jornais e não se ouve senão dizer mal da politica. A politica deturpa, envenena tudo. Faz abortar as mais belas iniciativas. Destroi os mais puros ideais. E' um flagelo. E' um horror. Os politicos são entidades daninhas que só cuidam dos seus interesses, só servem as suas paixões, e desprezam inteiramente os interesses da pátria e da própria causa com cuja bandeira se acobertam. O que é necessário fazer para uma nação viver feliz, para que um estado viva desafogado? Abolir a politica! Sempre que se trata de uma grande questão, de natureza económica e social, ou—paradoxo supremo!—político, imediatamente se grita: «Fóra a politica!» E quem diz isto? Os jornais politicos. E' de apertar as mãos na cabeça. Então se a politica é semelhante abominação para que são órgãos de partidos politicos, para que servem uma politica? E' confessar implicitamente que são nocivos, que são prejudiciais, que envenenam a opinião, que mentem? Nesse caso podem mentir, quando lançam sobre a politica os seus anátemas. E assim é, com effeito. A politica não é um instrumento vil de paixões ou interesses vis. Urge não a confundir com a politiquice, que é a sua adulteração. A politiquice intriga, atraição, esfaqueia, macula, degrada. Faz-se nos bastidores e nos soalheiros, nas camarilhas e nos lodaçais. A politica nutre-se pelos principios e esplende de ideal; inspira-se nos nobres deveres e reivindica vastos direitos. A sua força é uma força moral. Por isso mesmo a questão politica tem sido e há de ser por muito tempo a questão vital das nações, como lucidamente notava Ampère. Não confundamos. A politica, que tem transformado o mundo, pelas suas concepções geniais, nada tem que ver com as baixezas de energúmenos e mediocres que se servem do seu nome para a desonrar com as suas manobras vergonhosas.

Mayer Garção

Vestes talares

O habito talar, data de 1360. Até ao ano de 255, todos os sacerdotes celebravam o sauto sacrificio da missa com os seus vestidos de uso ordinário.

Cantina Escolar Vimaranesense

Balancete mensal do estado financeiro da Cantina, relativo a Abril findo, alinea f) do artigo 5.º dos Estatutos:

Receita	
Saldo do mês de Março:	350,00
Na caixa económica	436,64,7
Em cofre	86,64,7
Importância de quotas recebidas	14,92
<b>Total da receita</b>	<b>451,56,7</b>
Despesa	
Ordenado da cozinheira	1,92
Idem da servente	1,28
Despesas miudas da cozinha	5,65
Importe de farinha de pau	6,61
Pago à padaria J. Santos, boroa	6,32,5
Idem à mercearia	6,52,5
Idem à padaria Costa, pão para sopa	7,75
Um livro em branco	3,57
Uma panela de ferro	1,50
Comissão de 7% ao cobrador	1,04,5
<b>Total da despesa</b>	<b>26,57,5</b>
Saldo para o mês seguinte	425,39,2

O TEZOUREIRO,

L. A. de Pina Guimarães.

Comissão Executiva DA Câmara Municipal

Sessão ordinária de 20 de Maio de 1914

Sob a presidência do sr. Mariano da Rocha Felgueiras, estando presentes os srs. vereadores Justino Ferreira, Victorino Simões Sampaio, Leite da Silva, Joaquim Cardoso Ferreira Guimarães, Júlio Cardoso e Coelho Pinto, reuniu em sessão ordinária a Câmara Municipal, desta cidade, lida e aprovada a acta o sr. presidente, pelas 22 horas, declarou aberta a sessão.

BALANÇO

O balanço relativo à semana finda acusa os seguintes saldos: Na Caixa Económica, 6:163,92; Em cofre, 2:175,61,5.

OFÍCIOS

Do sr. Administrador do concelho, informando que, juntamente com o segundo sargento Lemos, verificaram não faltar nenhum objecto do depósito pertencente a infantaria 20, existente na igreja contigua às Escolas Centrais. Inteirada.

—Da professora regente da escola central, do sexo feminino, comunicando ter-lhe sido descontado no seu ordenado a quantia que ella recebia como regente, e pede à Câmara para lhe ser abonada a dita quantia. Inteirada.

—Da Junta de Paróquia de Azurem, declarando ser-lhe impossivel arranjar com brevidade a casa para a escola daquela freguesia, porisso pedia para ser prorogada essa mudança até ao fim do ano. Mais declara ter conseguido o abatimento de 15 escudos a renda do prédio onde ella funciona. Resolveu agradecer os seus esforços para o referido abatimento e concorda com o seu alvitre.

—Do Ministerio do Fomento, respondendo ao pedido feito pela Câmara do milho exótico. Inteirada.

—Foram lidos alguns requerimentos, baixando aos respectivos pelouros, para dar parecer.

Sendo 23 horas, não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão.

REPORTAGEM

Vales de correio

A administração geral dos correios e telégrafos preveniu todo o comércio que se deve abonar, em vales do correio, as assinaturas de pessoas cuja identidade muito bem reconheça, por se eximir à responsabilidade de indminização, se 2 vales forem recebidos por pessoas diferentes daquelas a quem são destinadas, isto por se ter dado ultimamente alguns casos de assinaturas falsas.

Empregados de Comércio

Em homenagem e saudação de uma nova bandeira, oferecida por um grupo de caixeiros desta cidade, esta associação realisa no próximo domingo, 24, pelas 14 horas, uma sessão solene.

A bandeira que está primorosamente executada encontra-se, há já alguns dias, numa das vitrines da casa High-life.

Agradecemos o convite recebido.

Romaria de S. Torquato

Como noticiamos, realiso-se no passado domingo esta romaria, sendo a concorrência como nos demais annos.

O arraial, à noite, esteve muito animado.

A illuminações, que produziram belo effeito, foram confiadas ao sr. Emiliano Abreu.

MISÉRIA OCULTA

Bate nos vidros a aurora,  
Vem depois a noite escura...  
E o pobre astro que ali mora  
Não abandona a costura!

Para uns a vida é d'abrolhos!  
Para outros moitas de lírios!...  
Bem o revelam seus olhos  
Pisados pelos martírios!

Miséria afugenta tudo!  
Miséria tem dons funestos!  
—Quem é que gaba o veludo  
Daqueles olhos honestos?...

Ninguém seus olhos brilhantes  
Enxerga nessas alturas...  
E aquelas formas tam puras,  
E aquellas mãos elegantes!...

Pobre flor desfalecida  
Tão nova, e ainda em botão...  
Como teve estreita a vida,  
Terá estreito o caixão.

Sempre à costura inclinada!  
Morra o sol, ou surja a lua,  
Nunca vi descer à rua  
Aquella loura encantada!...

Aquele lírio dobrado  
Porque assim vive escondido?  
Eu bem sei!—não tem calçado,  
E é muito usado o vestido!

Por isso não tem porvir.  
Morrerá virgem e nova,  
E aguarda-a bem cedo a cova...  
Que eu bem a oiço tossir!

Miséria afugenta tudo!  
Miséria tem dons funestos.  
—Quem é que gaba o veludo  
Daqueles olhos honestos?

Gomes Leal.

Pela instrução

Da inspecção escolar desta cidade, acaba de baixar a todos os professores primários do círculo, quer officiais, quer particulares, a a seguinte circular:

«Nos dias 6, 8, 9, 11, 12 e 13 do próximo mês de Junho, em Guimarães, no edificio das Escolas Centrais, e em 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 22 do referido mês, em Fafe, na escola do sexo masculino, 1.ª cadeira, pelas 12 horas, efectuar-se-ão cursos de educação fisica para professores, de ensino official e particular.

Por determinação de s. ex.ª o general inspector de infantaria da 8.ª divisão do exercito, são avisados os srs. professores de ensino official e particular, dos concelhos de Guimarães e Fafe, a comparecer nos locais, nos dias e às horas mencionadas, afim de assistir e tomarem parte nos aludidos cursos.

Especialmente aos srs. professores que ainda são novos, muito proveitoso e util lhes será comparecer com a maior assiduidade a estes cursos, que tem funcionado já noutros concelhos com magníficos resultados.

Ser-me-á muito agradável saber que ninguém falta, que todos correspondem ao apêlo que lhes é dirigido.

A's Câmaras Municipais foi solicitado que relevem as faltas às aulas que os srs. professores posam dar durante aqueles dias. A de Guimarães já acedeu a esse pedido, tendo os srs. professores de comprovar a comparência e assistência aos cursos, para lhes serem abonados os vencimentos sem desconto.—Saúde e Fraternidade.—O inspector, A. Justino Ferreira.

Convite

Convidam-se todos os membros da comissão promotora do passeio recreativo e propaganda, a Fafe, a reunir na sede da Federação das Associações, no dia 27 do corrente, às 20 horas, para resoluções definitivas do mesmo passeio e outros trabalhos.

Asilo de Santa Estefânia

Tem sido muito visitada a exposição de trabalhos nesta casa de caridade.

No domingo, 1.º dia, tocou no no átrio do edificio a banda regimental das 13 as 15, e na quinta-feira, 2.º dia, a banda dos Guizes.

Domingo é o último dia es exposição.

Leilão de penhores

Nos dias 7 e 11 de Junho próximo, pelas 8 1/2 horas, na casa da Escola Moderna, à rua Gravador Molarinho (Lamelas), se procederá a vendas dos penhores que, à face da lei, se julguem abandonados.

Os srs. mutuários que não queiram os seus penhores vendidos, tem de dirigir-se até ao dia 5 resgata-los ou pagar os juros.

Teatro Gil Vicente

A empresa deste cinematografo principiará brevemente a dar sessões num dos amplos salões do nosso liceu, podendo assistir a ellas pessoas extranhas, sendo o seu produto em favor da Caixa Filantrópica.

Festejos ao S. João

Uma comissão promove para o dia 23 e 24 de Junho próximo, em Santa Luzia, no local da ponte, grandes festejos ao S. João.

Além dos atractivos costumados, será construida uma ponte sobre o rio, realizando-se também uma corrida de bicicletas, as 7 horas, entre as Taipas, Campelos e Guimarães.

A inscrição para a corrida encontra-se aberta no estabelecimento do sr. Benjamim de Matos, até às 20 horas do dia 22, sendo o seu custo de 30 centavos.

Também na rua Dr. Avelino Germano se realizarão iguais festejos, havendo festivais nocturnos, illuminações, cantos populares, etc.

Preço dos cereais

No último mercado, o preço dos cereais foi o seguinte:

Milho branco, o alqueire, 840; amarelo, 820; alvo, 1,300; centeio, 800; feijão branco, 1,700; moleiro, 1,600; amarelo, 1,500; fradinho, 1,200; painço, 1,300; batatas, 600; galinhas, 650; ovos, duzia 140.

Grande romaria

Nos dias 31 de Maio e 1 de Junho, realiza-se em Barrosas a romaria do Senhor Bom Jesus.

Esta festa, com um interessante programa, chama a Barrosas grande concorrência de forasteiros, pela diversão agradável que proporciona a visita a esta povoação.

UM CONTO

Diadesté

No começo do império, as damas introduziram na moda um jogo de origem árabe que consistia em não se receber coisa alguma da pessoa com a qual se concordava jogar, sem se pronunciar a palavra Diadesté. Numa partida durava às vezes, como se compreende, semanas inteiras, até que, surpreendido um dos jogadores a receber qualquer bagatela do parceiro, esquecendo a palavra sacramental, pagava a esta prenda previamente combinada.

Um filósofo compozera em ampla compilação, todos os estratagemas de que o sexo frágil costumava servir-se; por precaução, trazia esse compêndio sempre consigo.



Um dia, viajando, encontrou-se perto dum campo árabe. Uma mulher jovem, assentada á sombra duma palmeira, levantou-se subitamente á aproximação do viajante e convidou-o tão obsequiosamente a descansar sob a sua tenda, que elle não pôde deixar de aceitar. O marido desta dama estava então ausente.

Apenas o filósofo se recostou sobre um macio tapete, logo a graciosa hospedeira lhe ofereceu tâmaras doces e leite fresco; não passou despercebida ao hóspede a rara perfeição das mãos que lhe deram a bebida e os frutos.

Mas, para se distrair das sensações que os encantos da jovem árabe lhe faziam experimentar e cujas armadilhas lhe pareciam temíveis, o sábio abriu o seu livro e pôz-se a ler.

A sedutora criatura despeitada por esse desdem, observou com a mais melancólica voz:—«Esse livro deve ser bem interessante... só elle parece a única coisa digna de prender a vossa atenção.

Será uma indiscrição se eu vos perguntar o nome da sciência de que trata?...»

O filósofo respondeu sem levantar a vista:—«O assunto deste livro não é da competência das damas!»

Tal recusa antes excitou a curiosidade da jovem árabe que fez avançar o mais lindo péssimo que ainda tem deixado as suas marcas fugidias nas areias movediças do deserto; distraíndo-se o filósofo, e a sua vista, poderosamente tentada, não tardou a passear desde o pé, cujas promessas eram tão fecundas, ao tronco mais encantador ainda; confundiu dentro em pouco a chama da sua admiração com o fogo scintilante das ardentes e negras pupilas da joven asiática que com uma voz dulcíssima voltára a perguntar que livro era aquelle; encantado o filósofo respondeu:—«Eu sou o autor desta obra: porém o fundo não é meu, contem todos os ardis inventados pelas mulheres.»

—«Qual!... todos, absolutamente?»—pergunta a filha do deserto. —«Sim, todos! E não foi senão estudando constantemente as mulheres que cheguei a não mais as temer. «Ah!» diz a jovem árabe, baixando as longas pestanas; em seguida, lançando de repente um olhar vivíssimo ao pretense sábio,

depressa lhe fez esquecer o seu livro e os ardis nele contidos.

Eis o nosso filósofo, o mais apaixonado dos mortaes.

Parecendo-lhe descobrir nas maneiras da jovem mulher uma ligeira tinte de coquetismo, ousou arriscar uma confissão. Quem poderia resistir? O céu era azul, a areia brilhava ao longe como uma lâmina de ouro, o vento do deserto dizia amor e a mulher do árabe reflectia todos os fogos de que estava cercada: os seus olhos penetrantes tornaram-se húmidos e, com um movimento de cabeça que pareceu imprimir uma ondulação a toda esta atmosfera luminosa, consentiu em ouvir as palavras de amor que o estrangeiro proferia. Já o sábio se embriagava com as mais lisonjeiras esperanças, quando a jovem mulher, ouvindo ao longe o galopar frenético dum cavallo, exclamou:

—«Estamos perdidos! Meu marido vai surpreender-nos... E' ciumento como um tigre. Em nome do profeta, se tendes amor á vida, escondi-vos neste cofre!...»

O autor, apavorado, não vendo outro partido a tomar para sair de semelhante passo, entrou no cofre e agachou-se; a mulher fechou-o rapidamente, guardou a chave e correu ao encontro do esposo, dizendo, depois de algumas carícias que o pozeram de humor:

—«E' necessário que eu vos conte uma aventura bem singular.»

—«Eu escuto, minha gazela!»— respondeu o árabe assentando-se num tapete e cruzando as pernas, segundo o hábito dos orientais.

—«Esteve hoje aqui um filósofo! Pretende ter compilado num livro todos os embustes de que o meu sexo é capaz e esse pseudo-sábio falou-me de amor.—«Ora essa!... exclamou o árabe.

—«Eu ouvi-o!... tornou ella com o sangue frio, é novo, gentil e... vós chegastes precisamente a tempo de socorrer a minha virtude vacillante!...» O árabe deu um pulo como um leão e desembainhou a sua adaga bramindo. O filósofo, que do fundo do esconderijo ouvia tudo, dava ao diabo o seu livro, as mulheres e todos os homens da Arábia.

—«Fattué...! gritou o marido; se queres viver, responde!... Onde está o traidor?...» Horrorizada com a tempestade que por pra-

zer provocára, Fattué lançou-se aos pés do esposo, e, tremendo sob o aço ameaçador do punhal, apontou o cofre com um olhar tão rápido como tímido. Levantou-se coberta de vergonha, e, tomando a chave que tinha na cintura, entregou-a ao ciumento; porém, no momento em que elle se dispunha a abrir o cofre, a maliciosa árabe soltou uma estridente gargalhada.

Faraoun parou suspenso a olhar sua mulher com certa inquietação.

—«Até que enfim terei desta vez a minha bela cadeia de ouro!» exclamou ella, saltando de alegria, —daim'a, perdeste o *Diadesté*».

Para outra vez tende mais memória. O marido estupefacto, deixou cair a chave e entregou a prestigiosa cadeia de ouro, de joelhos, oferecendo-se para trazer á sua querida Fattué todas as jóias das caravanas que por ali passassem durante o ano se ella renunciasse a empregar artimanhas tão cruéis para ganhar o *Diadesté*.

A seguir, como era árabe e não gostasse de perder uma cadeia de ouro, embora ella ficasse pertencendo a sua esposa, montou novamente o seu corcel e partiu, indo resmungar á vontade para o deserto, longe de sua mulher a quem amava o bastante para ocultar o seu pesar.

A joven tirando o filósofo do cofre em que fazia mais morto que vivo, observa-lhe gravemente: Sr. Doutor não esqueça este ardid na sua preciosa coleção.

H. de Balzac.

(Tradução da «Alvorada».)

### Assinar de cruz

Até á data da publicação do Código Português, escreve Albano Belino, as pessoas que não sabiam escrever traçavam com a pena uma cruz no encerramento dos documentos públicos a que assistiam como testemunhas, valendo qual se fôra o verdadeiro nome, poi aquelle sinal pelo próprio, era tido como um juramento solene. Este sinal fazia-se no meio do nome que outro escrevia. —Por exemplo: *José + dos Anzoes*. E, para todos os efeitos *José dos Anzoes* não tendo traçado mais qua uma cruz, havia, em todo o caso, assumido uma responsabilidade correspondente á toda a assinatura... honrada.

### O espirito

O Papa Gregório Magno (ano de 590), para evitar por o espirito continuasse a fazer victimas como por occasião da grande epidemia, indicou aos fieis a conveniência de no mesmo acto pronunciarem as palavras *Domínios tecum*, ainda hoje era uso entre nós. A origem da saudação do espirito vem de tempos remotissimos Os gregos diziam: *Jupiter o conserve*; e os Romanos: *salvé*.

### Diaconisas

A *Diaconisa* era, na Igreja primitiva, uma mulher com certo giau eclesiástico que substitua o diácono, especialmente em actos do culto para o sexo feminino. A confissão dss. mulheres, por exemplo, era feita por estas sacerdotisas, que eram viúvas... talvez alegres.

O espirito de coocorrência, por certo, fez com que este grau desaparecesse.

### O celibato

No ano 589 são os sacerdotes, diaconos e subdiaconos, rigorosamente obrigados ao celibato.

O virtuosissimo Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Martires (1559) comenta Braulio Cslidas, desejando remediar os males do seu tempo, declarou-se em franca opposição ao celibato dos padres, valendo-lhe esse louvável zelo pela moralidade do seu rebanho gravissimos dissabores.

### Emparedadas

Desde o século XII ao XV houve em Lisboa, Pôrto, Guimarães, Braga, Santarem, Coimbra e outras localidades do reino, diz o mesmo escritor, algumas mulheres que, por desgosto da vida, se recolhiam a uma pequena cela, cuja porta era acto continuo fechada a pedra e cal para não mais tornar a ser aberta enquanto a recolhida vivesse. Os alimentos, que de ordinario não passavam de caldo e pão e eram ministrados por uma fresta rasgada na referida porta, assim como a confissão e a commhão. Chamavam-se, por isso, *emparedadas*.

—Embora ninguém aproveitasse com tam doloroso sacrificio, ele era, todavia, destinado para servir a Deus.

### Cara de padre

Até 316, os ministros da Igreja, querendo distinguir-se dos sacerdotes de *Isis* e de *Serapis*, que rapavam á navalha o rosto e a cabeça, aparavam amiudadas vezes a barba e os cabelos, que apenas se conservavam compridos em sinal de ignominia. O 4.º Concilio Cartaginense, no ano de 398, dispoz num dos cânones que os clérigos não fossem «cabeludos nem lampinhos».

—Para se distinguirem, já se vê.

### Concurso

(1.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Misericórdia de Guimarães, devidamente autorizada, faz público que, por espaço de trinta dias a contar da data da publicação do último anúncio, se acha aberto concurso para o provimento de Sacristão-Menor da igreja desta Misericórdia com o vencimento anual de cento e oito escudos (108\$00).

As obrigações do cargo são as constantes e a que se faz referência na acta da sessão da Comissão Administrativa, de desenove de Dezembro último, e mais as que a Administração desta Misericórdia estabelecer para o bom desempenho de respectivo cargo.

Os concorrentes deverão apresentar, dentro de referido prazo, nesta Secretaria, os seus requerimentos instruidos nos termos do decreto de 24 de Dezembro de 1892.

Guimarães e Secretaria da Misericórdia, 20 de Maio de 1914.

O provedor,

António Pereira da Silva.

### Fricções mercuriais

Dadas com todo o cuidado, pela longa prática que adquiriu em Vizeira, encarrega-se

José de Almeida Caldas,

Rua Egaz Moniz, 79, antiga Rua Nova do Comércio.

—7—

! Mas — observar-no hão: — aquelas palavras de Jesus aos seus discipulos, sim, aquellas palavras — «Perdoai ou reterei...», «Ligai ou desligai...», indicadas pelos evangelistas S. João e S. Mateus!...

—Quanto a essas palavras, divergentes de sentido, aliás, devemos considerar que, sendo a Bíblia escrita em linguagem poética, ninguém pode asseverar-nos que, «ligar ou desligar», «perdoar ou reter», queira significar poder divino para os sacerdotes obrarem por modo *tam particular* em matéria de pecados. E, se não, deduz-se ouvindo o que escreve um membro da faculdade de sciências físicas de Paris, citado numa obra rigorosamente católica, como do titulo se infere — «Jesus Cristo perante o século» — e que conta 16.ª edições. Diz elle: — «...o vocabulo *tarde*, no génesis, não quer dizer outra coisa mais que a desordem que existia antes da criação, o vocabulo *manhã*, a ordem que se estabeleceu, e a palavra *dia* a conclusão da criação, ou a época em que ella se effectuou».

Do mesmo modo, quando Deus pela bôca de Moisés diz aos sacerdotes da antiga lei: — «Limpai o leproso, e elle será limpo, ou, fareis imundo o leproso, e elle será imundo», não querem tais palavras significar que elles, sacerdotes, curassem o leproso, medicando-o, mas tam sómente que ao sacerdote competia, como poder mais respeitador e obedecido, proclamar e fazer o diagnóstico d'esses empestados que, então, eram atirados aos caminhos, quando não succedia terem morte violenta.

Nestas circunstâncias, repetimos, quem traduzirá o verdadeiro sentido ás palavras dos dois evangelistas, João e Mateus, palavras que são, afinal, a *grande base* da confissão auricular?

### Parecer de alguns santos e doutores da Igreja

Passemos agora a examinar a opinião de alguns Santos Padres e doutores da Igreja, visto que, são ellas, um dos pontos básicos apresentados como alicerce na

discussão e defesa argumentológica á confissão auricular. Ouçamos em primeiro lugar Santo Agostinho:

«Que tenho eu com os homens, para que ouçam as minhas confissões, como se podessem sarar as minhas enfermidades?! O mundo é curioso para conhecer a vida alheia, mas preguiçoso para corrigi-la.» (10.º LIVRO DAS CONFISSÕES, CAP. III.)

S. João Crisóstomo:

«Não vos convidamos a ir confessar os vossos pecados aos vossos semelhantes, mas só a Deus.» (HOMILIA. PSALMO L.)

«Não tendes necessidade de testemunhar da vossa confissão. Reconhecei em particular os vossos delictos, e que Deus seja o único que vos ouça.» (HOMILIA DE PENITÊNCIA, VOL. IV, COLE. 910.)

«Suplico-vos que sempre confesseis os vossos pecados a Deus! Eu de modo nenhum peço que m'os confesseis a mim. Só a Deus deveis descobrir as feridas da vossa alma, e só dele deveis esperar linitivo. Recorrei, pois, a elle, e não sereis repellido, mas sarados. Pois antes de pronunciardes uma palavra, Deus conhece a vossa petição.» (HOMILIA V. DE INCOMPREHENSIBILE DEI NATURÁ, VOL. I.)

S. Basílio:

«Não me apresento ao mundo para fazer uma confissão com os lábios. Fecho, ao contrario, os meus pseudos no segredo do meu coração. Em tua presença, ó Deus, solto os meus suspiros e és tu a única testemunha deles. Os meus gemidos são no interior de minha alma. Para confessar não são precisas muitas palavras; o pesar e a contrição são a melhor confissão. As lamentações da alma, até, que te dignares escutar, são a melhor confissão.» (COMMENTÁRIO SOBRE O PSALMO XXXVII DA CONFISSÃO.)

S. Jerónimo:

«Não te sentes, a sós, num lugar retirado, com uma mulher só. Se ella tem que te dizer alguma coisa particular, que traga consigo a familiar mais velha da casa. Uma donzela, uma viúva

—8—

ou mulher casada, não deve ser tam ignorante das regras da vida humana que pense em não ter se não a ti para a ouvir falar.» (CARTA AO PRESBITERO NEPOCIANO SOBRE A VIDA DOS MEMOS VOL. II, PAG. 203.)

S. Lásaro:

«Dizei-me; porque vos envergonhais de confessar os vossos pecados? Nós, porventura, vos obrigamos a revelá-los a um homem que podia, algum dia, lançar-vos los em rosto? Alguém vos ordenou que confesseis aos vossos iguais, que os poderiam divulgar e arruinar-vos? O que nós pedimos é simplesmente que mostreis as chagas da vossa alma ao vosso Senhor e Mestre, que é igualmente o vosso amigo, protector e médico.» (HOMILIA DE «LÁSARO, VOL. I PAG. 763.)

Santo Hilário:

«...Ele ensina-nos que não precisamos confessar-nos a outrem que não seja aquelle que faz fructificar a oliveira, pela esperança da sua misericórdia até ao fim dos séculos.» (EDIÇÃO DOS BENEDITINOS, 51, PAG. 79.)

Manda a lialdade dizer onde buscamos estes elementos, visto que, sendo vertidos em latim os seus originaes, não os podiamos directamente consultar, pois não é língua das nossas relações. Estes elementos preciosos, porque tam eloquentemente traduzem opiniões de todo o modo insuspeitas, buscamos-las em uma obra «O Padre, a Mulher e o Confessionário», escrita pelo ex-padre Chiniquy, escritor católico altamente galardoado pelos governos do Canadá e pelos mais altos príncipes da Igreja, em homenagem ao seu fervente apostolado em favor das Sociedades de Temperança.

Ora, mas enquanto teólogos e sacripantas jogam e exploram a indução a que se prestam estas palavras; enquanto espiritos simples e honestos as põem como problema de conjecturas e nelas se entedam, confusos e perturbados, deixam uns e outros que lhes formule esta simples, modesta, e, quasi ingénua pergunta:

—«Se a confissão auricular é de instituição divina, porque a não observaram então os primitivos cristãos?...»

—9—



Horário dos comboios

Ascendentes

ESTAÇÕES	*	Rápido		* Diário	* Correio Diário	* Diário	* Diário	* Diário	
		Diário	Dias úteis						
Linha de Guimarães	FAFE P.	4,50	7,15		12,28	16,05			
	Guimarães C.	5,43	8,08		13,21	16,58			
	" P.	5,51	8,16	10,49	13,29	17,07	19,57	21,30	
	Vizela P.	6,12	8,33	11,13	13,49	17,30	20,18	21,50	
	Lordelo P.	6,23	8,43	11,25	14,00	17,42	20,30	22,01	
	Negrelos P.	6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	20,44	22,13	
	Santo Tirso P.	6,59	9,13	12,02	14,35	18,19	21,04	22,33	
	Trofa C.	7,19	9,30	12,23	14,54	18,39	21,25	22,52	
	Linha do Minho	Valença P.	3,23	6,	7,55	13,20	15,25	16,40	18,50
		Viana P.	5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19,	21,7
Braga P.		6,07	8,35	11,52	14,55	17,45	20,04	22,05	
TROFA P.		7,00	9,44	12,41	15,54	18,57	21,47	23,07	
Porto C.		8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,04	23,56	
Linha do Minho Cruzamentos		Trofa P.	8,06	9,46		15,05	19,58		
		Braga C.	8,56	11,15		15,58	21,29		
		Viana C.	8,31	11,47		16,26	22,33		
		Valença C.	10,50	13,19		17,31	23,33		
L. da POVOA		Porto P.	8,35			17,54	19,57		
	Campanhã P.	8,48			17,54	19,57			
Norte	Lisboa C.	14,31			23,53	6,25			

Descendentes

ESTAÇÕES	*	Rápido		* Diário	* Correio Diário	* Diário	* Diário	* Diário
		Diário	Dias úteis					
Norte	Lisboa P.	18,55		21,35	21,35	8,30		
	Campanhã C.	9,19		7,35	7,56	14,17		
	Porto C.	0,32						
	Porto P.	4,30	7,26	7,44	8,43	14,18	17,10	18,44
L. Minho	Trofa C.	5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50	19,53
	Trofa P.	5,51		8,36	9,46	15,05	17,52	19,58
	Braga C.	7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58	21,29
	Viana C.	8,31		10,25	11,47	16,26	19,20	22,33
	Valença C.	10,50		13,19	17,31			0,17
L. da POVOA	P.	4,35			8,03			16,35
L. de Guimarães	TROFA P.	6,35	8,11	8,47	9,58	16,10	18,00	20,10
	Santo Tirso P.	6,57	8,31	9,11	10,20	16,35	18,18	20,31
	Negrelos P.	7,18	8,54	9,29	10,41	16,56	18,35	20,48
	Lordelo P.	7,33	9,08	9,41	10,54	17,11	18,46	20,59
	Vizela P.	7,48	9,24	9,54	11,08	17,26	18,58	21,12
	Guimarães C.	8,07	9,44	10,12	11,27	17,44	19,14	21,29
	" P.	8,18			11,34	17,52		21,36
	" C.	8,18			11,34	17,52		21,36
	FAFE C.	9,13			12,28	18,47		22,32

- \* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha, Cepães e Palmeira
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem em Cepães, Madalena, Covas e Cepães,
- Idem em Cepães.

DISPONÍVEL

Livraria editora  
GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.<sup>a</sup> ed. ilustrada)—47. História de um bello, de Escrich (2.<sup>a</sup> ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Escrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.<sup>a</sup> ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi.—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis—14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.<sup>a</sup> Sn.<sup>a</sup> de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diaburas da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

Atelier de costura

DE

MARIA PASTOR

Rua de S. Dâmaso

GUIMARÃES

Executa toda a toilette de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

A LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a melhor luz do mundo.

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é também a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Iluminai as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sobre iluminações intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gazolina em 24 horas.

O maior sucesso da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga mercearia e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, fructas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha ingleza—Café puro especial.

Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Oficina e Depósito de Guarda-sois e Bengalas

—DE—

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

67, TOURAL, 69

(Antigo largo dos Cestos)

GUIMARÃES

Acha-se esta oficina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sois em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos.

Perfeição.

Preços módicos.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão